

16 por 4

ideias jogadas abaixo*

Esse texto reúne pequenas observações, citações e aforismos sobre escolhas artísticas e experiências cotidianas. Ele pode oferecer pistas e sensações perceptivas sobre os fenômenos da visão na arte e na vida, principalmente no que se refere às escolhas. Esses fenômenos podem acontecer também em processos artificiais quando, por exemplo, reunimos artistas num mesmo espaço.

Ao nos reunirmos, imaginamos uma exposição que possa revelar não um olhar único, que estabelece relações sobre a obra de cada um, mas a projeção do olhar de cada artista sobre a obra do outro, fazendo suas escolhas. O espaço expositivo poderia assim ficar dividido por áreas que correspondem às paredes com três obras dos outros 3 artistas e mais uma de si próprio. Dezesesseis obras seria o resultado final. O título da exposição *16 por 4* existe por isso.

Não existe um conceito norteador comum para as escolhas. Nem tampouco conceitos curatoriais abstratos, que formulam questionamentos verificáveis para elas. Esta reunião de obras é uma vivência de escolhas visuais e intuitivas.

Agora, porque se escolhe mais uma coisa do que outra?

"Não existe imagem simples. Qualquer imagem cotidiana faz parte de um sistema, vago e complicado, pelo qual habito o mundo e graças ao qual o mundo me habita." ⁱ

Quando presenteio uma pessoa, tenho duas opções de escolha: ou a presenteio porque sei que ela gosta do que vou lhe dar ou a presenteio com algo que eu gosto. Na arte quando um artista escolhe um trabalho de outro artista pra trocar ele inevitavelmente vai passar por essas sensações na escolha.

Generalizando, existem pessoas que sabem e escolhem roupas para serem vistas do modo que desejam serem vistas. Outras pessoas vestem roupas mas não sabem desse olhar de serem vistas. Escolhem as roupas apenas para si. A diferença entre os dois tipos pode ser bem percebida também nas artes, o que em geral dão nos mesmos resultados.

*Texto escrito para exposição coletiva *16 por 4*. Galeria Paulo Darzé, Salvador, maio de 2018.

" Se considerarmos todas as modulações que impuseram à pintura as variações, no curso do tempo, da estrutura subjetivante, é claro que nenhuma fórmula permite ajuntar essas visadas, esses ardis, esses truques infinitamente diversos."ⁱⁱⁱ

Em 1994 o escritório de arte Sylvio Nery da Fonseca realizou a exposição *Willys de Castro : obras de 1954 -1961*. Tratava-se do acervo pessoal do Willys, falecido havia seis anos. Achei incrível que aquelas obras, muitas delas já tendo participado de importantes exposições nacionais e internacionais, estivessem ali, reunidas sobretudo "por constituírem uma espécie de reserva particular do artista, raramente reapresentadas posteriormente" . A exposição era especial por isso. O artista havia escolhido aquelas obras para seu convívio. Talvez nem tão assim. Podem ter sido obras que foram ficando para ele, rejeitadas pelo mercado. Pode ter sido tudo isso junto. Não sei dizer, quem sabe?... a exposição era muito boa... O fato é que separar todas aquelas escolhas da reserva particular do artista seria trágico.

Olhamos significantes de todos os tipos nas obras: figuras, linhas, cor, espessuras. Relacionamos esses mesmos significantes com os que criamos. Outros significantes que não havíamos percebido nas obras operam relações por toda parte, independentes de nós, criando relações entre as coisas que nos despertam depois, apagando outras visões.

Ponto cego.

Na subida da ladeira da Barra em Salvador, sempre me preparo para olhar atentamente a paisagem da Baía de Todos os Santos no meio da ladeira. Naquele dia me posicionei no banco do ônibus para enxergar, mas fui interrompido por uma fala que comecei a elaborar mentalmente para um encontro.

Ao final da ladeira da Barra percebi que não enxerguei nada da paisagem; meus olhos estavam abertos mas não enxergaram nada ou seja, podemos não enxergar absolutamente nada e ainda sim nossos olhos estarem vendo. Alguém em mim escolheu esta opção.

"Lacan foi o primeiro a nos dar uma definição de "*tableau*" , que é ao mesmo tempo coerente e produtiva, ao afirmar que o "*tableau*" é uma função na qual o sujeito teria que encontrar suas marcas, para encontrá-las enquanto tal (enquanto sujeito)"ⁱⁱⁱⁱ

Vejo o que desejo ver.

Em 1994, Caryl Churchill escreveu a peça teatral *Blue Heart* (Coração Azul). Na segunda e última parte da peça, intitulada *Blue Kettle* (Bule Azul) o personagem Derek descobre endereços de mães que tiveram há muitos anos atrás, por motivos variados e sempre sofridos, de entregar os filhos para adoção. Ele vai até a casa delas e se apresenta como o "filho perdido". A intenção de Derek é tirar o dinheiro dessas mães, explorando exatamente essa culpa terrível. O notável da peça - e dela o que nos interessa - é exatamente o olhar dessas mães sobre o rosto do falso filho e dele identificar as semelhanças consigo próprias e familiares. Segue um trecho da peça que apresenta o encontro de Derek com as senhoras Plant e Oliver:

1. DEREK e SRA. PLANT

SRA. PLANT: Estou sem palavras.

DEREK: Não se preocupe.

SRA. PLANT: Deixe me olhar para você.

DEREK: Eu tenho o seu nariz?

SRA. PLANT: Você talvez tenha a boca de seus pai. Eu não consigo lembrar bem da boca dele mas agora vendo a sua . . .

DEREK: A minha boca?

SRA. PLANT: Os olhos da sua avô eram dessa cor. Sim, ele tinha um sorriso.

2. DEREK e SRA. OLIVER

SRA. OLIVER: Eu trouxe algumas fotos. Não sei se você quer vê-las.

DEREK: Adoraria.

SRA. OLIVER: Esta é minha irmã Eileen. E aqui é ela de novo com seu marido Bob e os gêmeos. Isso faz trinta anos. Estes são os meus pais. Ele era um homem bonito. Estes sou eu e o Brian e as meninas quando elas eram pequenas e estes são a Mary já crescida, seu marido Phil e seus dois filhos, Billy e Megan . Agora você pode não concordar mas eu acho que a semelhança familiar está no Billy; tá vendo que é o seu sobrinho?. Você consegue ver o que estou tentando dizer?

DEREK: Sim, consigo.

SRA. OLIVER: Em volta dos olhos.

DEREK: Os olhos sim e -

SRA. OLIVER: Alguma coisa no formato da cabeça eu acho.

DEREK: Você tem razão, sim.^{iv}

Um duplo:

Todos possuímos um duplo na vida. Talvez nem todos. Um duplo significa que existe alguém vivo idêntico a você em algum lugar do planeta. Tive a sorte de encontrar meu duplo em São Paulo quando tinha vinte anos aproximadamente. Ele descia pela porta de trás de um ônibus no momento em que eu subia. Vestíamos a mesma roupa e nos surpreendemos ao nos enxergar. Como foi rápido, não pude pará-lo para falar comigo mesmo.

J.W. Goethe, *As Afinidades Eletivas*:

" - Permitam-me que me antecipe - disse Charlotte - , para ver se entendo aonde querem chegar. Como tudo se relaciona entre si, essas relações também devem valer frente aos outros.

- E isso será diferente segundo a diversidade dos seres - completou Eduard - Ora agirão como amigos ou velhos conhecidos que rapidamente se reúnem, se juntam, sem modificarem um ao outro, tal como o vinho ao se misturar com a água; ora, ao contrário, permanecerão absolutamente estranhos um ao outro, sem se unirem, mesmo através de fricções ou misturas mecânicas; tal como o óleo e a água, que logo depois de sacolejados juntos voltam a se separar.

[...]

Infelizmente conheço muitos casos em que a união íntima e aparentemente indissolúvel de dois seres foi desfeita pela junção ocasional de um terceiro, lançando num imenso vazio um dos membros de tão bela união.

- Nesse caso, os químicos são muito galantes; - disse Eduard - eles agregam um quarto elemento para que nenhum fique imune.

- Mas claro! - exclamou o Capitão - esses casos são, sem dúvida, os mais significativos e curiosos; através deles pode-se realmente demonstrar a atração, a afinidade, esse abandono e essa junção entrecruzando-se; neles vêem-se os quatro seres, unidos até então dois a dois, que, entrando em contato, abandonam a sua união

anterior e formam novas. Nesse ato de largar e prender, nessa fuga e nessa busca, julgamos ver realmente uma determinação mais elevada; atribuímos a esses seres uma espécie de vontade e preferência, e assim consideramos plenamente justificado o termo técnico "afinidades eletivas".^v

As "afinidades eletivas" entre as obras da exposição estariam reveladas pela química que cada uma tem com a outra, formuladas através das escolhas.. No geral os artistas fazem escolhas narcisísticas, mas isso não importa....

Sabemos que quando reunimos obras em espaços elas se tornam junções de coisas, pequenas coleções cujos critérios passam por escolhas. A situação criada por cada parede da exposição poderão corresponder mais ou menos àqueles pequenos acervos que os artistas criam ao terem obras de arte de outros artistas em suas casas.

A reunião dessas obras pode e o que mais se deseja é que a singularidade das obras se dissolvam por seus pares, que nas associações entre os significantes cada obra perca essa individuação e um novo jogo se instaure pelas aproximações que delas possam surgir.

Ricardo Bezerra

ⁱ Do filme *Aqui e alhures* (1974) de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville,

ⁱⁱ LACAN, Jacques. **O Seminário**: Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ⁱⁱⁱ DAMISCH, Hubert et al. Hubert Damisch e Stephen Bann: Uma Conversa. **Ars**, São Paulo, n. 27, p.17-52, 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v14n27/1678-5320-ars-14-27-00017.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

^{iv} CHURCHILL, Caryl. **Bule Azul**. 26 p. Tradução de: André Pink. O texto dramático, em formato pdf, foi proporcionado pelo workshop "Estruturas não Convencionais para o Teatro" com a dramaturga escocesa Stef Smith, 2015

^v GOETHE, Johann W.. **As Afinidades Eletivas**. 3. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.